

Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES

Sociologia das Migrações: correntes teóricas e perspectivas

Iuri Duque da Incarnação – SEEDUC-RJ

Resumo:

Em um mundo cada vez mais globalizado, integrado e conectado observamos um crescente número de pessoas que deixam suas casas e migram para cidades, estados e até países diferentes em busca de melhores condições de vida. Este movimento, primeiramente estudado pelos demógrafos e geógrafos, tem atraído olhares de pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento como o direito, a psicologia, a história, a economia, a antropologia e a sociologia, objeto de nosso estudo. O presente artigo consiste em uma investigação de caráter teórico que pretende apresentar e discutir o percurso da Sociologia das Migrações e suas diferentes correntes teóricas e perspectivas. Iniciaremos com uma breve abordagem dos autores clássicos da sociologia, passando pelo considerado precursor dos estudos migratórios Ernest Ravenstein e discutiremos as mais diversas correntes teóricas que buscam compreender e analisar as motivações e características dos deslocamentos humanos. Serão debatidos no artigo enfoques teóricos como as Macro e Micro Teorias Migratórias; os Novos Economistas da Migração; a Teoria do Capital Humano; a Teoria Histórico-estrutural; a Teoria do Mercado Segmentado; a Teoria dos Sistemas Mundiais; as Redes Sociais Migratórias para enfim se chegar a uma conclusão acerca da temática.

Palavras-chave: Sociologia das Migrações; Correntes teóricas; Imigração – emigração.

Introdução

O tema das migrações internacionais definido como “movimento de pessoas, nacionais ou estrangeiras, que cruzam as fronteiras nacionais com propósitos que não sejam o turismo ou as breves estadias” apresentado pelo pesquisador Gustavo Diaz (2007. p.158) pode ser abordado por diferentes disciplinas oferecendo as mais diversas perspectivas no tratamento das questões relativas às migrações. Assim sendo, as produções que buscam dar conta dos movimentos populacionais apresentam-se vastas e não respondem necessariamente aos mesmos enfoques metodológicos.

O presente artigo tem como objeto a teoria sociológica a respeito das migrações internacionais. Busca, assim, apresentar o debate teórico sobre o tema, do ponto de vista das ciências sociais. Serão analisadas as diversas correntes, desde o início do estudo do tema, na

virada do século XIX para o século XX, passando por todo este século, até chegarmos debate recente sobre a questão.

O objetivo geral consiste exatamente em analisar as principais percepções, teorias e perspectivas a respeito das migrações internacionais. Esta pesquisa visa ainda apresentar o tema ao leitor iniciante no assunto ou que busca apenas uma visão geral das principais correntes sociológicas das migrações. Outro objetivo específico seria o de contribuir na elaboração e fundamentação teórica de estudos empíricos sobre o tema.

Como procedimento metodológico utilizou-se da pesquisa bibliográfica. Foram investigados diferentes textos, artigos, monografias, dissertações e teses que de uma forma ou de outra abordam a questão das migrações internacionais. Para tanto valeu-se do acesso a sites que trabalham a temática, de visitas virtuais a bibliotecas de diferentes universidades e visitas presenciais à Biblioteca Central da Universidade Federal Fluminense.

Decidiu-se, assim, partir de uma análise dos três autores clássicos da sociologia: Karl Marx, Émile Durkheim e Max Weber. Verificou-se que eles apresentam suas concepções a respeito do fenômeno migratório como consequência do processo de desenvolvimento do capitalismo, com a industrialização e a urbanização. Desta maneira, as migrações constituíam-se em tema secundário nos estudos sociológicos. Conforme aponta Sasaki e Assis “migração não era um assunto central dos grandes teóricos da sociologia, nem no século XIX, nem no início do século XX, pois estes compreendiam o fenômeno como parte do processo de metropolização” (2000, p.4).

Ao analisar os deslocamentos populacionais, o filósofo alemão Karl Marx atribuía a culpa na situação de exclusão e pobreza à burguesia capitalista que deliberadamente reduzia o valor dos salários dos trabalhadores para assim aumentar seus ganhos. O pensador alemão destacou que na ocasião governos e militares colaboravam na coerção dos trabalhadores do campo para a migração por meio dos *enclosures*, das autorizações de partida, e de todo aparato estatal assistindo os movimentos de emigração (Sasaki e Assis, 2000).

O pensador francês Émile Durkheim, “reconhecia claramente a migração como um dos fatores de quebra das comunidades tradicionais mantidas juntas pelos laços de solidariedade mecânica” (SASAKI e ASSIS, 2000 p. 3). O momento de transição de uma sociedade onde prevalecia a solidariedade mecânica para esta sociedade onde vigora a solidariedade orgânica, poderia provocar anomia, resultando em desintegração social, e assim, favorecendo os deslocamentos populacionais.

Outro pensador clássico da sociologia Max Weber entendia o fenômeno migratório de uma forma mais difusa quando comparado com os autores anteriores. Weber enxergava as migrações como um fator incidental que acabava por criar novas classes sociais e grupos de status étnicos (Sasaki e Assis, 2000).

1. O Início do estudo das migrações

O estudo das migrações internacionais surge no mundo anglo-saxão. Primeiramente na Inglaterra e logo em seguida aparece nos Estados Unidos no final do século XIX e início do século XX. O interesse destes países em conhecer o tema se dá sobretudo por apresentarem um grande volume de imigrantes e também pela capacidade de construir conhecimento científico para compreender as questões sociais que emergiram com o movimento populacional no espaço (Diaz, 2007).

Tendo em vista que o estudo das migrações iniciou-se na Inglaterra, o único autor considerado clássico do tema é Ernest George Ravenstein. O inglês, geógrafo, produziu seus primeiros escritos em fins do século XIX, onde a obra “The Laws of Migration” apresenta-se como a primeira publicação que trabalha o fenômeno das migrações como tema específico.

Apesar de sofrer críticas pelo excesso de empirismo e por um positivismo, comuns aos pensadores do seu tempo, esta publicação de Ravenstein ganha destaque, primeiro por apresentar “uma análise empírica pormenorizada dos fenômenos migratórios” (PEIXOTO, 2004, p.5), e em segundo lugar por levantar a definição de temas e conceitos que posteriormente seriam estudados. Entre os principais estão: as classificações de imigrantes, as migrações por etapas, regiões de atração e repulsão, o efeito da distância, as contracorrentes e a ação de estímulos econômicos. Muitos destes conceitos perduram nos estudos migratórios até os dias de hoje.

Dentre as elaborações teóricas desenvolvidas por Ravenstein aquela que recebeu maior projeção consiste no modelo de atração-repulsão – do inglês *push-pull*. Este modelo defende que “no centro dos processos migratórios se encontra a decisão de um agente racional que, na posse de informação sobre as características relativas das regiões A e B, e de dados contextuais respeitando a sua situação individual e grupal, se decide pela permanência ou pela migração” (PEIXOTO, 2004, p. 5). Este paradigma teórico apresenta o desejo do agente individual em melhorar suas condições econômicas como o principal

motivo para a migração. O modelo conhecido como *push-pull* iria influenciar ainda muitos estudiosos das migrações no decorrer de todo o século XX..

Esta perspectiva relaciona-se com uma leitura neo-clássica da realidade. O que vai promover, ou não, a migração parte da decisão de um indivíduo racionalmente motivado. Destaca-se ainda no pensamento de Ravenstein, o reconhecimento de que nos deslocamentos humanos prevalecem as causas econômicas. O demógrafo inglês defende que os movimentos imigratórios motivados pela tentativa dos indivíduos mudar de vida são mais comuns que imigrações em que as motivações não são econômicas. O autor cita como exemplo os fluxos migratórios que se destinaram aos grandes centros comerciais e industriais do Reino Unido, movidos sobretudo pela necessidade de mão de obra (Soares, 2000).

Nas primeiras décadas do século XX, surgem os primeiros trabalhos das teorias migratórias munidos de uma dimensão sociológica. Merece destaque o estudo de Thomas e Znaniecki a respeito da migração polonesa aos Estados Unidos entre as décadas de 1880 e 1910. Estes sociólogos propõem um estudo qualitativo procurando demonstrar a quebra dos laços de solidariedade ao analisar o sistema familiar dos migrantes.

Thomas e Znaniecki, ainda em um contexto de afirmação do fenômeno migratório como passível de sua própria regularidade social defende a utilização da “comparação livremente para contrastar tradições, costumes, valores sociais e atitudes individuais, através das quais consideram que é possível obter conhecimento sobre as instituições e organizações sociais” (DIAZ, 2007, p.160).

2. Teorias Neoclássicas: Macro e Micro Teorias

A economia neoclássica ofereceu duas diferentes perspectivas que tentaram compreender o fenômeno migratório. Estas abordagens ficaram conhecidas como macro e micro teorias (Almeida, 2003). A corrente teórica denominada aqui de macro teoria neoclássica analisa o fenômeno das migrações a partir de explicações de natureza econômica. Essa corrente entende que os movimentos migratórios internacionais das desigualdades geográficas resultam da diferença entre oferta e demanda de trabalho. Estas desigualdades por sua vez são resultado de diferentes taxas salariais que motivam a migração.

Apresenta-se uma relação entre força de trabalho e capital. Aqueles países que constituem excesso de força de trabalho em relação ao capital, possuem baixas taxas

salariais. Aqueles países que constituem força de trabalho limitada, possuem, ao contrário, elevadas taxas salariais. O movimento migratório ocorre no sentido de países de menor taxa salarial em direção aos países que possuem taxas salariais mais elevadas. Desta forma, depois de um tempo, o contingente de força de trabalho nos países que antes apresentava-se baixa, aumenta. O contrário ocorre com os países que aparecem com excesso de força de trabalho. Conforme afirma Weber Soares (2002) está implícita a ideia de que se as diferenças de taxa salarial entre os países fossem extintas, os deslocamentos humanos deixariam de existir.

Na microteoria neoclássica, como o próprio nome aponta, a migração ocorre a partir de uma decisão mais individualizada. Destaca-se que o migrante promove um cálculo entre o custo e o benefício da experiência migratória, e é exatamente este cálculo que vai determinar a decisão do deslocamento. A migração, para estes teóricos, é um fenômeno que parte da soma de decisões individuais. Nesta perspectiva, além das diferenças das taxas salariais (macroteoria), é levada em conta a taxa de emprego dos locais de origem e destino, na decisão do indivíduo. O imigrante aqui é visto como “um agente racional que busca maximizar seus ganhos” (Almeida, 2013, p. 78).

Este modelo neoclássico vem definir “o sucesso do migrante pela sua educação, experiência de trabalho, domínio da língua da sociedade hospedeira, tempo de permanência no destino e outros elementos do capital humano” (SASAKI e ASSIS, 2000, p. 6). É observada aqui uma primeira apropriação do conceito de capital humano nos estudos migratórios.

3. Novos economistas da migração

Os novos economistas da migração aparecem em um cenário de críticas e questionamentos das teorias neoclássicas e vêm corroborar estas críticas propondo um estudo que afasta a explicação da decisão de emigrar a partir dos atores individuais. Esta corrente de estudo do fenômeno migratório defende que as decisões são tomadas, “por unidades de pessoas relacionadas – tipicamente famílias ou domicílios – nas quais as pessoas agem coletivamente, não apenas para maximizar a renda esperada, mas também para minimizar ou afrouxar os constrangimentos associados a uma variedade de mercado de trabalho” (SASAKI e ASSIS, 200 p. 7).

Entre os novos economistas da migração o pensador de maior destaque é Douglas Massey. O autor descreve que tal abordagem, que considera as famílias e os domicílios como unidades de análise, parte do princípio de que as condições necessárias que influenciam a emigração, são sobretudo as redes de relação que possuem no local de destino. Os aspectos econômicos não são suficientes para oferecer explicações satisfatórias das questões migratórias.

Vale destacar nesta perspectiva teórica o conceito de riscos. Ao contrário dos neoclássicos que promoviam uma abordagem a partir do conceito de renda, os economistas da migração compreendem que os indivíduos nas famílias ou domicílios, atuam coletivamente para “reduzir os riscos, e diminuir os constrangimentos associados com uma variedade de falhas no mercado de origem” (SOARES, 2002, p.11). De acordo com essa teoria, o equilíbrio da taxa salarial ou dos mercados de trabalho não seria suficiente para frear os deslocamentos populacionais, pois outros mercados podem estar ausentes ou imperfeitos nos países de origem, levando muitas famílias a optarem pela migração.

4. Teoria do Capital Humano

A teoria do capital humano defende também uma abordagem dos estudos migratórios relacionada ao funcionamento da economia. Porém, a teoria inova ao promover uma relação de fatores educacionais com a probabilidade do trabalhador ser integrado e permanecer no país de destino. Quanto maior o nível de escolaridade do indivíduo que migra, maior é a chance de adaptação.

Esta teoria aponta que o agente (indivíduo) promove um investimento pessoal antes de partir para as terras desconhecidas. Pressupõe-se um investimento em educação, aprendizagem da língua do país de destino, criação de redes sociais de apoio, estudo sobre o mercado de trabalho, e etc. Com isso, estende-se o prazo da migração, buscando uma migração mais sólida e que possa obter melhores resultados no futuro.

Nestes deslocamentos os imigrantes teriam acesso aos bens e serviços básicos nos países de acolhimento. Os teóricos do capital humano defendem que a política migratória elaborada pelos países deve dar prioridade à contratação de imigrantes de melhores qualificações profissionais, culturais e sociais.

Como explicita o sociólogo português João Peixoto, “o essencial dos seus argumentos [teoria do capital humano], no caso da migração, é que a análise econômica dos

custos-benefícios realizada pelo agente, não deve ser apenas observada no curto prazo” (2004, p.16), pois em um primeiro momento que o imigrante chega na sociedade de destino, suas qualificações acadêmicas são pouco reconhecidas e valorizadas. Apenas com o passar do tempo que ele vai se colocando em uma posição social e econômica mais próxima daquela que possuía antes de se deslocar.

5. Teoria histórico-estrutural

Nos anos de 1970, oferecendo uma posição contrária às teorias que consideraram as migrações a partir da escolha racional e individual, surge a teoria histórico-estrutural. Este modelo analítico, de forma sintetizada, entende os deslocamentos humanos como “estratégias de mobilidade sujeitas a constrangimentos estruturais” (SOARES, 2002, p.13).

Esta concepção fundamenta uma crítica contundente às explicações neoclássicas do fenômeno migratório. Para eles, estas últimas negam, ou subestimam as causas históricas dos movimentos populacionais. A corrente histórico-estrutural valoriza os fatores econômicos e o capital como principais motivações das migrações e, desta forma, atribui pouca importância às motivações individuais e coletivas das pessoas que optam pelo deslocamento.

As migrações internacionais são consideradas pelos teóricos histórico-estruturais como algo que vai além de uma mera decisão individual, onde um agente, ao observar as possibilidades sociais na origem e no destino, escolhe abandonar seu país em busca de melhores condições de vida. Como destaca Gustavo Diaz a respeito da teoria histórico-estrutural:

Ela põe ênfase no caráter sistemático dos fenômenos migratórios (...) caracterizado com dinâmico, integrado por vários pontos (países, regiões) vinculados por fluxos humanos. (...) A unidade de análise não são os indivíduos, mas o sistema e seus elementos (2007, p.165).

6. Teoria do Mercado Segmentado

A teoria do mercado de trabalho segmentado, também conhecida como teoria do mercado dual, apresenta uma abordagem focada nos estudos do funcionamento do mercado de trabalho. Concentram-se, sobretudo, em analisar os processos de inserção dos imigrantes no mercado de trabalho na sociedade de destino. Os principais teóricos a defender a teoria

do mercado de trabalho segmentado, surgem nos Estados Unidos. Merecem destaque os estudos de Michael Piore e Alejandro Portes.

Estes pensadores desenvolveram suas teorias a partir de uma reflexão feita sobre o sistema capitalista das últimas décadas do século XX. Como ressalta Peixoto:

Desde os anos 70, as alterações estruturais das economias fordistas e o desenvolvimento de novas formas de regulação, levaram a que a existência de setores precários e a necessidade de uma mão-de-obra flexível se tornaram ainda mais evidentes” (2004, p.23).

Tendo em vista que os trabalhadores nativos recusam-se a ocupar estes postos de trabalho mais precarizados, surge a carência de mão-de-obra, e a sua compensação com o trabalho do imigrante.

De acordo com a teoria do mercado de trabalho segmentado, os mercados nos países capitalistas mais desenvolvidos possuem dois segmentos complementares: o mercado primário e o mercado secundário. O segmento primário apresenta, entre os principais fundamentos, a estabilidade de condições de emprego e das relações de trabalho, bons salários, perspectivas de carreira e possibilidade de ascensão, e proteção garantida. São funções que exigem alta qualificação.

Em contrapartida, os empregos oferecidos pelo mercado secundário são compostos por baixos salários, poucas oportunidades de ascensão ou promoção, insegurança no trabalho sem vínculo com o tal, e ausência de assistência social. Estes trabalhos que exigem pouca ou nenhuma qualificação, vieram a ser conhecidos como os três D's (sujeitos, perigosos e difíceis – na tradução do inglês *dirty, dangerous and demanding*).

Não apenas pelo fator econômico, da renda, mas também o tipo de trabalho oferecido pelo setor secundário – onde destaca-se o baixo prestígio social atribuído a estes trabalhadores – os nativos resistem em desempenhar tais atividades. Os imigrantes, provenientes de regiões mais pobres, sentem-se obrigados a se sujeitar a exercer tais funções, ao passo que estando em país estrangeiro, não possuem outras opções. Acrescenta-se ainda, que os imigrantes em um primeiro momento, não se importam com a questão do prestígio e status de uma profissão, já que suas referências permanecem no país de origem.

Revela-se importante mencionar que a migração, aqui, não é acusada por fatores de expulsão nos países de origem. Ao contrário, a causa das migrações referidas, advém de fatores de atração nos países de destino. Os deslocamentos ocorrem no sentido dos países menos desenvolvidos, “é o fato de existirem atividades que funcionaram com base

num mercado de trabalho deste tipo que afasta a maioria dos cidadãos nacionais e atrai migrantes provenientes de regiões pobres” (PEIXOTO, 2008, p.22).

A atuação da população imigrante não se restringe apenas ao mercado de trabalho secundário. Para compreender o fenômeno, o pensador americano Alejandro Portes oferece um estudo a respeito dos modos de incorporação dos imigrantes no mercado de trabalho. Ao expô-los, o autor defende que:

Os migrantes atraídos pelo mercado primário apresentam como principais características a entrada através de canais legais; o acesso ao emprego por qualidades individuais e não por origens étnicas; condições de mobilidades idênticas à dos nativos; e uma função de reforço da força de trabalho nacional. Tipicamente, este tipo de acesso é representado pela fuga de cérebros [*brain drain*]. Em contrapartida, o acesso ao mercado secundário apresenta como principais atributos um estado jurídico precário; recrutamento baseado nas origens étnicas e não nas qualificações; ocupação de tarefas pontuais, sem perspectivas de mobilidade; e uma função disciplinadora da força de trabalho local (PEIXOTO, 2008, p.23).

7. Teoria do Sistemas Mundiais

Esta teoria migratória se apresenta em um contexto de reorganização da economia mundial, e, ao mesmo tempo, reordenação das relações entre aqueles países ditos centrais e os países tidos como periféricos. As migrações internacionais são vistas aqui como parte de um sistema mais amplo, envolvendo os locais de origem e os locais de destino dos migrantes. Com a expansão do sistema econômico de caráter global, e o surgimento ou agravamento dos problemas internos nos países periféricos, ocorreu um novo processo de emigração, facilitada em grande medida, pelas inovações no campo das novas tecnologias e das informações.

Como bem afirma Soares em sua apreciação a respeito deste novo fato, “a reorganização da economia mundial, ao longo das décadas de 70 e 80, contribuiu para a constituição de um espaço transnacional, no qual circulam, não apenas trabalhadores, mas, sobretudo, capital, mercadorias, serviços e informação” (2004, p.17).

Oferecendo uma visão diferente das outras correntes teóricas abordadas até aqui, a teoria dos sistemas mundiais defende que o que melhor pode explicar o fenômeno das migrações são as formas de internacionalização da produção. Este processo, coloca os países dentro do espaço transnacional e, quando combinados com as precariedades dos países pobres, favorece os deslocamentos populacionais.

Ao analisar esta teoria, Peixoto mostra o “efeito perverso” que a chamada transnacionalização das empresas, com a instalação de parte da produção em países menos desenvolvidos, ao contrário do que se imaginava, gerou uma intensificação das migrações internacionais entre os trabalhadores. Nas suas próprias palavras, “os fluxos migratórios para o centro, quando teoricamente deveriam ter diminuído (...) intensificou-se” (PEIXOTO, 2004, p. 26).

8. As Redes Sociais

Um novo paradigma que visa compreender o fenômeno das migrações consiste no estudo das redes sociais. Por este conceito Peixoto entende-se que:

Os imigrantes não atuam, isoladamente, nem no ato de reflexão inicial, nem na realização dos recursos concretos, nem nas formas de integração no destino. Eles estão inseridos em redes de conterrâneos, familiares ou, inclusivamente, agentes promotores da imigração (como os engajadores que fornecem a informação, as escolhas disponíveis, os apoios à deslocação e à fixação definitiva. (2004, p.29).

Os deslocamentos populacionais recentes, de acordo com esta teoria, recebem uma grande influência das redes sociais. A partir de um primeiro emigrante que se dirige a um destino em busca de oportunidades, e mantém o contato com a família ou os amigos na terra de origem. Inicia-se o processo de construção das redes. Estes primeiros imigrantes são responsáveis por descobrir os mecanismos facilitadores do processo de migração. A partir de novos fluxos, vão surgindo as redes sociais, que têm entre os principais objetivos, facilitar os deslocamentos, hospedar o migrante recém-chegado, e promover sua inserção no mercado de trabalho.

Diferente do que se objetiva com relação à migração nos moldes tradicionais, o emigrante nas redes sociais carrega consigo sua identidade. Ao trocar de país ele transplanta valores, costumes, religião e etc. E, muitas vezes, reforça sua identidade como forma de se aproximar dos conterrâneos e, também, construir uma imagem junto aqueles que o recebem. Estes imigrantes promovem uma nova configuração na sociedade hospedeira.

Conclusão

O início do século XXI tem sido marcado pelos constantes e crescentes deslocamentos populacionais a nível global. Seja por motivo de trabalho, de reagrupamento familiar, de estudo ou mesmo para fugir de guerras e perseguições, cidadãos de todo mundo

cruzam fronteiras entre países diariamente. As teorias relativas às migrações internacionais tentam compreender, como pudemos observar ao longo do texto, um fenômeno bastante complexo e heterogêneo. Diferentes abordagens e perspectivas podem ser desenvolvidas a respeito desta temática tão relevante no mundo contemporâneo.

Este artigo científico apresentou e debateu as diferentes correntes teóricas acerca da questão migratória. Esperamos, assim, ter contribuído para o campo das investigações na área. Optamos também por apresentar as correntes teóricas de forma didática em diferentes tópicos para facilitar o entendimento de leigos no assunto. Por fim, mesmo reconhecendo as limitações analíticas de um artigo, desejamos colaborar com a reflexão teórica de pesquisas sociológicas que abordem a temática das migrações internacionais.

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, Gisele. *Au Revoir Brésil: um estudo sobre a imigração brasileira na França após 1980*. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.
- DÍAZ, Gustavo. *Aproximaciones metodológicas al estudio de las migraciones internacionales*. UNISCI Discussion Papers, Madrid, n. 15, p. 157-171, outubro 2007. Disponível em: <http://revistas.ucm.es/index.php/UNIS/article/view/UNIS0707330157A/27883>> Acesso em: 10/06/2015.
- MACHADO, Igor José de Renó. *Estereótipo e Preconceito na experiência dos imigrantes brasileiros no Porto, Portugal*. Travessia: Revista do Migrante, n. 51, 2005.
- OLIVEIRA, Juarez de Castro. *Migração internacional: dinâmica demográfica e desafios para o dimensionamento da comunidade brasileira no exterior*. In: Brasileiros no Mundo: I Conferência das Comunidades Brasileiras no Exterior. v.1, Rio de Janeiro, junho 2008.
- PEIXOTO, João. *As teorias explicativas das migrações: teorias micro e macro-sociológicas*. SOCIUS Working Papers, Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2004. Disponível em: <<https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/2037/1/wp200411.pdf>> Acesso em: 08/06/2015
- PORTES, Alejandro. *Migrações internacionais: origens, tipos e modos de incorporação*. Tradução Frederico Ágoas. Oeiras: Celta, 1999. 160 p.
- SASAKI, Elisa; ASSIS, Gláucia. *Teoria das migrações internacionais*. 2000, XII Encontro Nacional da ABEP, Caxambu, outubro de 2000. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2000/Todos/migt16_2.pdf> Acesso em: 17/06/2015.
- SOARES, Weber. *Da metáfora à substância: redes sociais, redes migratórias e migração nacional e internacional em Valadares e Ipatinga*. (tese de doutorado), Belo Horizonte: Cedeplar/UFMG. 2002.